



# **“Permita que eu fale e não as minhas cicatrizes”**: espiritualidade, *rap* e saúde da população negra

*Allayne Ellen Pantaleão Plácido Cílio*  
*João Victor de Aguiar Nery*  
*Mayana Ribeiro Montenario*  
*Ana Vitória Paé Lima*  
*Willyane de Andrade Alvarenga*  
*Caroline Guilherme*

## **Introdução**

Este estudo foi desenvolvido por graduandos, especificamente da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, integrantes do Projeto de Extensão “Promoção à saúde integral da população negra e valorização da história e cultura afro-brasileira – Axé saúde” e pesquisadores parceiros, com base em reuniões internas do projeto de extensão, durante a pandemia de covid-19, quando utilizamos o recurso remoto, por meio do aplicativo Google Meeting, para estudo e debates relacionados à história, à saúde mental da população negra, à música como forma de expressão e à busca de sentido existencial.

No contexto acadêmico, valorizam-se iniciativas como essa principalmente após a Resolução n. 1 de 2004, do Ministério da Educação.

Em uma perspectiva pseudocientífica, coisifica-se a pessoa negra, a ponto de anular sua humanidade. Para resgatar sua realização pessoal e o fortalecimento do senso de comunidade, as qualidades do espírito humano, portanto, da espiritualidade, devem ser valorizadas (HOOKS, 2020)), fundamentando a inclusão da história e da cultura afro-brasileira no currículo do Ensino Fundamental, Médio e Superior, firmada pela Lei n.10.639. de 2003 e atualizada em 2008 pela a Lei n. 11.645 (LANA; MOREIRA, 2016). Para além da legislação, a motivação do projeto de extensão Axé Saúde sempre teve como característica pensar as relações étnico-raciais, realizando imersões em diversos contextos em busca do compartilhamento de saberes.

Durante o desenvolvimento do ensaio reflexivo encontramos dificuldades no que diz respeito a contextualizar o recurso da música, forma de expressão e de também denúncia, para o encontro de significado. O raciocínio poderia parecer simples, mas, a complexidade veio à tona. A contextualização histórica colonial, de subjugação da população negra e as repercussões atuais desse processo, aprofundavam-se em meio a declarações e desabafos. Quando em algum momento tratava-se do *rap* para associar o recurso da música como forma de promover a esperança, o conteúdo era remetido ao passado, de forma cíclica.

A produção do texto declarava sentimentos associados à dor, quando nosso objetivo era promover sentimentos de esperança no cuidado à pessoa negra com sofrimento espiritual. Em um dos momentos de debate, um dos membros do grupo trouxe que o sofrimento tanto espiritual quanto racial é o que melhor abarca o que pretendemos discutir.

Ao contextualizar a humanização, as normativas do Ministério da Educação e do Ministério da Saúde têm origem em posicionamentos históricos e subsequentes do movimento social negro. Destacamos que a Constituição da República (BRASIL, 1988) ao mencionar a igualdade, precisou ser complementada pelo Estatuto da Igualdade Racial (BRASIL, 2010); dentre os frutos de debates realizados na Conferência de Durban (ALVES, 2002), temos a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (BRASIL, 2018a).

Observando-se a saúde integral, o capítulo discute sobre o *rap* e as questões existenciais experienciadas pela população negra. Dessa forma justificamos o título com o verso “Permita que eu fale e não as minhas cicatrizes” que faz parte da música *AmarElo* interpretada por Felipe Vassão, Emicida e Dj Duh e destaca o sofrimento psíquico de populações vulneráveis, como a população negra (ALVES, 2002; AMARELO, 2019; CARDOSO, 2021; TRINDADE JÚNIOR; FRANÇA, 2022). No texto foram referenciados também outros artistas de diversos gêneros associados à temática espiritualidade e saúde.

Chimamanda Ngozi Adchie menciona em entrevista “A coisa que mais amo, que dá sentido à minha vida, é escrever”, e relata que fica feliz quando, ao ler seus livros as pessoas dão o *feedback* de suas emoções – se riram ou se choraram –, pois isso lhe dá esperança para arrebatrar pessoas (SILVA, 2019). Valorizamos a produção de textos sobre o combate ao racismo, a saúde da população negra e a valorização da vida. Quanto mais escrevermos sobre o tema, mais oportunidades teremos para que outras pessoas assimilem a relação entre a história e a estrutura da sociedade do país em que vivem, assim como os reflexos ancestrais na pessoa que precisa ser cuidada e se enquadra-se em situação de vulnerabilidade.

Desse lugar de inseguranças, surgem as debilidades na disponibilidade do cuidado do outro, visto que a universidade tem alta potencialidade também de negligenciar a saúde dos estudantes, sobretudo quando são negros, e isso nos torna corpos e mentes fragilizados na atenção ao nosso próprio adoecimento. Concomitantemente, as letras reivindicatórias do *rap* podem demonstrar-se como uma abordagem terapêutica no que tange, também, ao paciente, visto que o contexto sociorracial o qual gera fatores estressantes, colabora significativamente como definidor em diversas patologias. Para além do campo psíquico, trazemos a discussão para um âmbito mais amplo: a espiritualidade definida como componente essencial da unidade primordial de todas as coisas (BÂ, 2010, p.169), a qual está intrinsecamente ligada à tradição oral à ciência, à religião, à arte e ao divertimento. Diferentemente da mentalidade cartesiana, que separa tudo em categorias, o historiador Hampaté Bâ recupera o sentido

ancestral da espiritualidade, profundamente imbricada à matriz da oralidade africana, capaz de conduzir o ser humano à sua totalidade. Para o conhecimento africano, o corpo é a representação não apenas física, mas também a perpetuação moldada em matéria dos gêneros não verbais (ANTONACCI, 2014, p. 159), ancorados por gerações em nossos corpos negros, como fontes vivas de história, que mesmo o crime da escravidão não conseguiu apagar.

Por meio das leituras realizadas, entendemos que a angústia da população negra pode ser definida como sofrimento espírito-racial, fazendo com que apenas o método clínico centrado na pessoa (BALINT, 1988), conforme defendido pela escola europeia, não seja o suficiente na atenção integral em saúde da população negra. A musicalidade negra tem como histórico a manifestação das subjetividades do indivíduo, fornecendo, pois, possibilidades para que estudantes negros produzam mecanismos de resiliência diante do ambiente universitário hostil. Esse espaço acadêmico, por vezes, é repleto de violências simbólicas e microagressões cotidianas, que desvalorizam nossas narrativas e existências.

Desse modo, as letras de *rap* nos remetem ao costume griô na contação de histórias, pois as rimas configuram um sentido poético contra-hegemônico às trajetórias negras as quais buscamos enaltecer. A proposta presente neste capítulo é estabelecer diálogos no âmbito de estudo teórico-racial articulado à formação em ciências da saúde, com o objetivo de honrar os saberes produzidos no ambiente urbano, que extrapolam o meio academicista tão restrito, valorizando, assim, a legitimidade do *rap* como expressão cultural de um povo, sendo importante meio de partilha de dores na universidade para que o compromisso com o bem-estar dos pacientes e também com os discentes seja satisfatório.

## **Espiritualidade**

Cheikh Anta Diop (1954), resgata o enfoque em afrocentricidade (ASANTE, 2003), visto que na África pré-colonial, já existia organização de ciências médicas e tecnologias de medicamentos, bem como

religiosidades, um meio de expressar o espírito como indissociável da matéria, já estabelecidas nas sociedades africanas. Dessa forma, é errôneo pensarmos que as práticas espirituais tiveram início apenas após o colonialismo e a escravidão. O ser humano possui inúmeras formas de se expressar e encontrar sua identidade, e a espiritualidade é uma delas, é uma dimensão própria do ser humano, por meio da qual se busca a conexão com o sagrado e o significado da vida (PUCHALSKI *et al.*, 2014). Elucida-se que a espiritualidade também influencia na forma como o indivíduo se conecta consigo mesmo e isso reflete em suas atividades cotidianas, e em sua forma de ver a vida (WEATHERS; MCCARTHY; COFFEY, 2016).

A temática da espiritualidade é, por vezes, relacionada unicamente a manifestações religiosas e, portanto, erroneamente pode ser atrelada erroneamente a debates preconceituosos e discursos pautados em intolerância religiosa. Entende-se que a religiosidade está ligada a dogmas inerentes a uma crença por meio dos quais o ser humano expressa sua fé (CAMPOS; OLIVEIRA, 2022). Logo, a expressão da fé por meio de atividades religiosas caracteriza-se como uma das formas de vivenciar a espiritualidade (WEATHERS; MCCARTHY; COFFEY, 2016), não sendo a única forma de conexão com o transcendente.

A conexão com o sagrado não necessariamente está relacionada a afiliações religiosas e a prática de rituais que expressam crenças. Como prova disso, o ser humano pode conferir ligação com o sagrado por meio de ações como a contemplação da natureza à sua volta, em aspectos do cotidiano e nas relações interpessoais (ESPORCATTE *et al.*, 2020). A conexão com o transcendente também pode ser vivenciada em situações de sofrimento intenso, afinal a espiritualidade é uma forma de superar e/ou enfrentar esse momento da vida (DIDOMÊNICO *et al.*, 2019). Pode-se destacar que, por meio da espiritualidade, os indivíduos podem encontrar ressignificação nas mais diversas áreas de sua vida.

Em situações de sofrimento intenso, o ser humano busca por algo que transcende o aspecto físico; logo, busca-se o aflorar da espiritualidade como forma de superar e/ou enfrentar esse momento da

vida (DIDOMÊNICO *et al.*, 2019). A espiritualidade também exerce influência sobre os desfechos de saúde e cabe aos profissionais de saúde saberem oferecer assistência em relação à dimensão espiritual de seus pacientes. O cuidado espiritual leva em consideração a dimensão transcendente e isso interfere de forma direta no restabelecimento da saúde do indivíduo (RAMEZANI *et al.*, 2014).

O paciente que tem sua espiritualidade assistida pelos profissionais da saúde nas dependências de uma unidade de saúde prova a percepção de um cuidado em sua totalidade, vendo-o para além de sua doença. É entendido que o adoecimento é melhor aceito quando a espiritualidade e suas formas de expressão são colocadas em prática (GUIMARÃES; MAGNI, 2020). Em publicação anterior refletimos que para cuidar é preciso sentido; dessa forma atentamos para o desenvolvimento de habilidades para o cuidado espiritual durante a formação do profissional de saúde e no meio em que está inserido, sendo a arte um recurso para encontrar significado e melhorar a qualidade da assistência prestada (GUILHERME *et al.*, 2022).

A construção histórico-social da democracia brasileira foi definida sob os pilares de um racismo sistêmico, estrutural, e pautado a partir de ideias machistas, misóginas, que convergem com o patriarcado e o padrão eurocêntrico de ver o mundo. Assim, decorrente desses fatores, um dos frutos da colonização e da dominação de povos africanos e indígenas foi a sequente desumanização de seus integrantes e práticas, ao ponto de demonizar todos os aspectos culturais e espirituais que tinham esses povos. A conversão em massa da população escravizada aos modos de padrão eurocêntrico, para fins de dominação, fez com que esse povo fosse contra as suas formas de expressão e visões de mundo, negando suas raízes para se sujeitar a essa violenta forma de submissão. Esse processo ocorreu por cerca dos 400 anos de escravidão, período em que pelo menos 15 milhões de pessoas de diferentes regiões da África foram transportadas ao país, trazendo com elas, suas vivências, culturas, e manifestações espirituais, formando a então chamada diáspora africana (OLIVEIRA, 2014).

Nesse contexto, a prática da espiritualidade, principalmente no que tange à religiosidade, surgiu como continuidade nas práticas que já ocorriam na

África pré-colonial, como resistência à crueldade do sistema dominador escravista. As populações escravizadas e hostilizadas tiveram de elaborar uma série de mecanismos de sobrevivência. Assim, a visão religiosa provinda da África, dotada de copiosas práticas de manifestações de cuidado e espiritualidade, foi amplamente necessárias para a manutenção das tradições de origem africana. Desse modo, do encontro cultural de três matrizes formadoras da sociedade brasileira – indígena, africana e europeia –, surgiram as religiões conhecidas como afro-brasileiras, repletas de singularidades e convergências. A terra mãe foi recriada em cada terreiro, no que pertence ao modo de vida, aos costumes, às memórias e à cultura de todo seu povo (EUGÊNIO, 2012).

Concomitantemente, desse cenário de construção das religiões oriundas de matrizes africanas e de toda uma identidade espiritual que destas provém, as formas de dominação decorrentes do processo colonial não cessaram, buscando mais que tudo a soberania dos corpos e das almas dos africanos. Dessa narrativa, perpetua-se o processo de desumanização do negro, até a propagação do mito do selvagem e a demonização de suas formas de expressão. A colonização, do ponto de vista de Colombo, tratou indígenas como “animais irracionais”, inferiorizados ao ponto de não terem vontade própria, sendo considerados, basicamente, como objetos vivos (TODOROV, 1993). Por conseguinte, a violência de gênero também era presente e utilizada para abalar a dignidade humana, colocando as mulheres à submissão para que servissem das formas que convinham aos senhores (HOOKS, 2015). Para a sociedade colonial, as práticas religiosas do povo negro eram reduzidas a expressões de caráter preconceituoso, como “magia”, “feitiçaria” e “curandeirismo”, algo que as relacionava às uma prática maléfica e necessária de combate (CARNEIRO, 2019).

Sofrendo, portanto, conflito existencial, a população negra feita “coisa” não possui direito à manifestação cultural e espiritual. Além disso, a adaptação forçada aos costumes, às normas e às crenças religiosas do colonizador, serviu como uma espécie de “falsa esperança”, um

mecanismo que poderia oferecer a humanidade aos negros, por meio de sua conversão e aceitação. Dessa forma, humanizar, segundo um padrão histórico eurocêntrico, significa perceber costumes, normas e crenças religiosas para além da perspectiva “coisificada” da população colonizada. (RUFINO; MIRANDA, 2019). Nesse cenário, a sociedade foi sedimentada e, que a população negra dominada.

Como forma de resistência, essa população adaptou-se para que fossem mantidas até a atualidade suas formas de busca de sentido e significado existencial (seja ou não por meio da religião). Dessa forma, no contexto de saúde da população negra seria uma negligência não abordar o contexto do racismo religioso, pois a religião está associada com o acolhimento, o pertencimento e os valores.

Às custas de muita resistência, hoje é possível o cultivo da fé e de expressões culturais oriundas de povos africanos, porém, marcadas de perseguição e violência que servem de empecilho para partilhas ancestrais, formas de experienciar o apoio espiritual. Assim, o racismo destrói todo um modo de vida negro (NASCIMENTO, 2017).

A noção de racismo religioso dá conta de marcar grande parte das violências sofridas por determinadas culturas, e comunidades são encarrilhadas por uma engenharia de dominação/subordinação que tem a raça/racismo/ colonialismo como matrizes/motrizes de desenvolvimento do mundo moderno. Nessa perspectiva, racismo religioso é uma expressão que abre caminho e conquista espaços relevantes na luta antirracista (RUFINO; MIRANDA, 2019).

Conclui-se então que foram inúmeras as influências da colonização, principalmente referente às relações espirituais e afetivas da população negra. Concomitantemente, essas consequências pesam até hoje em razão do racismo presente na estrutura social, que continua favorecendo o apagamento e a desvalorização cultural e espiritual desse povo, assim como os desumaniza, e os deixa carregados de conflito existencial. Desse modo, o racismo torna-se um desafio constante e impacta corpos e mentes dos negros brasileiros, bem como afeta seu espírito de forma recorrente.



Sendo assim, o cuidado espiritual da população negra, no contexto da saúde, requer conhecimento sobre o impacto do racismo e suas formas de expressão em decorrência da perseguição e do menosprezo relacionados aos seus aspectos culturais que são demonizados. Logo, o princípio de saúde integral almejado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) torna-se ainda mais necessário à medida que a saúde dos pretos e pretas no Brasil e no mundo está intimamente ligada à sua espiritualidade.

## **Saúde da população negra**

O racismo por sua vez tem seu conceito pautado em uma série de práticas discriminatórias de caráter sistemático com base na noção de “raça”, que surgiu em meados do século XVI, a fim de distinguir seres humanos e estabelecer uma espécie de hierarquia entre elas. Hoje, o racismo encontra-se em um complexo estrutural vigente em toda uma sociedade, como um fenômeno determinado para oprimir, segregar, estratificar, diluir memórias e esperanças de povos classificados hierarquicamente inferiores (ALMEIDA, 2018). Dito isso, são notórias as influências de toda essa hostilidade racial no que diz respeito aos direitos da população negra, uma vez que é impossível pensarmos em qualquer noção de igualdade com essa estrutura social, mobilizando toda uma cadeia lógica de causa e efeito, que, por exemplo, justifica as relações existentes entre as injustiças socioeconômicas e os altos índices de morbimortalidade como mencionado pela Política Nacional de Saúde da População Negra (BRASIL, 2018a).

Para Silvio Almeida (2018), o racismo não se concentra apenas em modelos discriminatórios e dominantes sobre uma população, mas também em práticas segregacionistas que restringem e limitam o acesso pleno à educação, à saúde e às condições de vida dignas ao bem viver do povo negro brasileiro em determinadas localidades. Logo, a segregação pode ser vista como um dos mecanismos de opressão do racismo, no intuito de deixar a população negra reclusa e com difícil acesso, observando-se a universalidade, desde bairros,

a serviços de educação e saúde. Assim, não é estranho que o negro no Brasil tenha menor participação no que diz respeito ao controle social e à escassez de recurso; diante do racismo institucional, estão extremamente dependentes do SUS. Concomitantemente, a estagnação social é uma das diversas consequências dessa estrutura, decorrente do mecanismo de estratificação social que não permite ou, no mínimo, dificulta o avanço da perspectiva dos demais cenários que acometem indivíduos “racializados”. Assim, as consequências desse fenômeno intergeracional é a estabilidade das condições existentes que não favorecem a qualidade de vida dessa camada, dando continuidade às iniquidades geradas pelo racismo e afetando todo o percurso da vida de um determinado grupo.

Portanto, são perceptíveis os mecanismos adotados pelo o racismo, que influenciam nas condições de vida da população negra. Entretanto, esses mecanismos não são simples obras do acaso, são frutos de uma complexa rede sistemática que determina as relações de poder com base em uma ideologia pautada nesse ideal de raças. Esse sistema, por sua vez, tem diferentes dimensões de atuação, organização e desenvolvimento, que vão desde estruturas, políticas, condutas, práticas e normas que variam e distinguem valores e oportunidades para determinados grupos (JONES, 2002). Dentre estas dimensões, o racismo institucional é capaz de produzir: “A falha coletiva de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica” (HAMILTON; TURE, 2011). Conjunturalmente, também pode ser visto em atitudes ou processos que contribuem para a discriminação por meio de um preconceito naturalizado, omissão e estereótipos racistas que conseqüentemente vão prejudicar minorias étnicas.

A Política Nacional de Atenção Básica à Saúde (BRASIL, 2018b) tem como diretriz o cuidado centrado na pessoa, com enfoque nas singularidades do sujeito, bem como o contexto sociocultural no qual está inserido; por isso, é estabelecido que deve haver formação de profissionais com competência cultural, a fim de que possam lidar

com os usuários de forma que não discriminem por gênero, raça, etnia ou orientação sexual, fazendo valer a universalidade e respeitar a dignidade humana.

No entanto, embora um dos princípios do SUS seja a equidade no acesso, ainda existem violências e racismo institucional (WERNECK, 2016) contra a população negra imbricada nesse sistema. Desse modo, a prática da clínica ampliada proposta pelo Humaniza SUS fornece caminhos para a valorização das subjetividades dos usuários e profissionais de saúde, fazendo com que a experiência de adoecimento e sofrimento tenha uma abordagem clínica que leve em consideração as vicissitudes do âmbito sócio racial do usuário, conforme sugeriu a Política Nacional de Saúde da População Negra (2017). Paralelamente, a Política Nacional de Promoção à Saúde (BRASIL, 2018b), pode ser importante aliada para que o *rap* seja utilizado em discussões sobre o sofrimento psíquico da população negra, tanto em dinâmicas com usuários da atenção básica quanto como fundamentação teórica em aulas nos curso da área da saúde.

Dessa forma, a Política Nacional de Saúde da População Negra fornece ferramentas teóricas a fim de estabelecer parâmetros que devem ser levados em consideração no processo de saúde e doença para que o cuidado abranja os aspectos biopsicossociais e, também, espirituais, uma vez que a Organização Mundial da Saúde (OMS) propôs esse modelo que tem como prerrogativa a análise ampla da pessoa em todas as suas dimensões, para além do modelo biomédico, sobretudo com enfoque antirracista. Isso, pode interferir negativamente nas estratégias preventivas e resolutivas, e até mesmo causar iatrogenia nos pacientes.

A medicina tradicional pode ser definida como práticas de saúde, abordagens, conhecimento e crenças incluindo remédios com base em plantas, animais e minerais, terapias espirituais, técnicas manuais e exercícios individualizados ou em combinação com diagnóstico, tratamento e prevenção de doenças ou manutenção do bem-estar (PHARAMACOGENETICS..., 2003).

Atualmente, o sistema de saúde no modelo seguridade social pode criar uma sobrecarga por causa da alta demanda, impulsionando ainda mais

usuários a recorrerem às medicinas tradicionais e às práticas de reza e curandeirismo tão marcante na realidade afro-latina (MUSGRAVE; ALLEN; ALLEN, 2002) que remonta aos costumes de povos pindorâmicos (BISPO, 2015) e também africanos (KIRINGE; OKELLO, 2005). O conhecimento ancestral de plantas na comunidade negra visa ao tratamento de doenças e condições com intuito preventivo e curativo, tendo conexão também com a espiritualidade e o entendimento de que o processo patológico físico pode estar atrelado ao mundo metafísico, podendo assim, ter projeções plurais e interpretações transcendentais do mundo. As raízes da popularização do uso de fitoterápicos remontam, aos tempos em que não havia o SUS, quando o sistema previdenciário concedia apenas aos trabalhadores urbanos de carteira assinada o direito de acesso à saúde, relegando, assim, a maioria das pessoas o atendimento médico profissional. Isso pode ter ajudado a reforçar ainda mais nos antepassados a busca na espiritualidade, o conforto das enfermidades da alma e do corpo por meio do costume do uso de ervas.

A Política Nacional de Promoção da Saúde à vulnerabilidade está associada aos determinantes sociais de saúde (BRASIL, 2018b). O setembro é amarelo, no entanto a cor do suicídio tem sido preta. Neste trabalho, partimos do título “permita que eu fale e não as minhas cicatrizes” como referência à música *AmarElo* do *rapper* paulista Emicida, que trabalha por meio da construção de experiência sensorial e estética. O cativo da escravidão ainda persiste na memória coletiva, como lembrança de dor e sofrimento entranhada nas diferentes experimentações de trauma do povo negro, assim como suas reverberações nas desigualdades socioeconômicas do país. O álbum “AmarElo” é uma metáfora do grito de pessoas negras que lidam cotidianamente com depressão, isso remete aos períodos de escravidão quando africanos vindo das viagens transatlânticas sofriam do chamado “banzo” (SILVA, 2017). O escravismo, além das torturas físicas e dos abusos sexuais, trouxe angústia emocional e sofrimento espiritual para os descendentes de pessoas escravizadas, o quais ainda permanecem em condições desumanas. Portanto, permitir que o sujeito fale por si, e não

apenas as cicatrizes, é um movimento de requerer o sentido do ser, bem como sua singularidade, para que “a alma que tentaram roubar do povo preto possa ser resgatada” (AMARELO, 2019).

O canto negro periférico do *rap* ecoa na alma como curativo para mágoas guardadas transgeracionalmente. O sofrimento psíquico no *rap* é retratado de forma contundente, exemplo disso são as rimas de Emicida quando ele diz “ponho linhas na vida, mas já quis por nos pulsos” conduzindo a uma reflexão sobre as lesões autoprovocadas. Além disso, ele faz alusão ao risco da ideação suicida ainda que de maneira poética em *Ismália*, que tem intertextualidade com o poema de mesmo nome do poeta simbolista (GUIMARAENS, 2001). Em *Ismália* (2019), o *rapper* conduz o público ao mundo onírico no qual ter pele preta é “tipo *Ismália*, querer tocar o céu mas terminar no chão”, remetendo ao custo mental de se ocupar posições historicamente de maioria branca, como o ambiente universitário – produtor de sofrimento psíquico, principalmente em jovens negros.

O suicídio é a principal causa de morte entre adolescentes e adultos jovens (BRASIL, 2018a). No Brasil, consta como a quarta causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, sendo os jovens homens negros aqueles que mais praticam a morte autoprovocada. Pode ser que esses dados estejam subestimados e apresentem viés, tendo em vista que em caso de impossibilidade no preenchimento da autodeclaração, cabe ao profissional de saúde preenchê-la corretamente (FERREIRA, 2017) A juventude negra tem como principal causa de morte os homicídios e, na sequência, acidentes, neoplasias malignas e por fim o suicídio. Entre 2012 e 2016, o suicídio em jovens permanece elevado e constante, com pouca diferença quantitativa no decorrer dos anos (BRASIL, 2018a). O não lugar para sentir é forjado por meio de um mecanismo contraditório de sobrevivência, que visa à dessensibilização com o intuito de anestesiar nossas mentes da dor, fazendo com que a comunidade negra, sobretudo os homens, tenham ainda mais receio em expor vulnerabilidades no cuidado em saúde mental.

Na obra musical *AmarElo*, os versos evidenciam a questão do sofrimento psicoemocional que aflige dezenas de milhares de jovens negros e negras no país, que absorvem incondicionalmente os resultados dessas mazelas enraizadas no espaço em que ocupam, de forma quase que imperceptível, mas que condena, ofusca e destrói o estado mental e espiritual dessa população. Simultaneamente, os versos também expõem a constante luta para contornar essa situação, demonstrando esperança e superação para a continuidade da vida.

Tenho sangrado demais  
Tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro  
(SUJEITO..., 1973; AMARELO, 2019)

A favela é um lugar onde vida e morte coexistem e dialogam entre si de forma que sangrar deixa de ser apenas meio de morrer e se desdobra, assim, em ato de resistência, quando existe a possibilidade de as violências cotidianas serem expressas no fazer artístico. Conforme sugeriu Conceição Evaristo “escrever é sangrar”, sendo, pois, o ato de criar forma e costurar memórias, afetos e dores que constituem a vida de uma pessoa negra. O movimento de “escrevivência” é uma continuidade na marca de oralidade presente na escrita, musicalidade e estética da população negra, bem como a valorização da produção cultural da favela, local de importantes experiências subjetivas das minorias (RACHEL, 2019).

Logo, o debate sobre a musicalidade contida no *rap*, assim como o conteúdo literário das letras, pode servir como prática integrativa em saúde com intuito de colaborar para a formação dos profissionais em saúde e enriquecer sua competência cultural. Dito isso, evidencia-se a necessidade de se discutir sobre novas perspectivas de modelos em saúde, que englobam a integralidade das formas de se cuidar, tratar e abordar. Prova disso se dá ao introduzir-se conceitos como

o da musicoterapia, havendo estudos que sugerem que ela auxilia no tratamento de grupos com problemas de saúde mental e condições neurológicas, pois melhora sintomas da depressão e demência, aumenta a sensação de pertencimento e promove rede de cuidado, fazendo com que haja prevenção de agravos, tais como o suicídio (TEIXEIRA, 2022).

De forma análoga, a narrativa do *rap* e a medicina complementar alinham o cuidado à perspectiva de como as dores são reconhecidas e os meios de recorrer à sabedoria ancestral e, assim, criar formas outras distintas da cultura dominante da medicina ocidental para o cuidado (KIRINGE; OKELLO, 2005). No *rap*, o diálogo sobre sofrimento psíquico, afetividade e espiritualidade se encontram de forma a construir um “corpo performático” diaspórico (IROBI, 2007) em poesia, dando corporeidade e voz a uma minoria vista, por vezes, apenas por estatísticas e historicamente silenciada pela academia.

Os desdobramentos desse corpo, que também pode ser visto como poético e performativo (IROBI, 2007) na completude de seus símbolos e significados, conduz a cosmopercepção holística (OYEWUMI, 2021) dessa existência em toda sua autonomia para que suas interpretações atribuídas às aflições do mundo em que se vive, possam ser acolhidas e consideradas no tratamento de condições física, psicológicas e espirituais. Por cosmopercepção, a autora Oyewumi de etnia iorubá propõe que a cosmovisão é uma limitação ocidental na compreensão do ser, uma vez que a lógica da visualização do corpo é priorizada em detrimento de outros sentidos e práticas, como as espirituais. Podemos estabelecer, então, que o desdém que o mundo ocidental confere à espiritualidade é oriunda de uma perspectiva eurocentrista presente, principalmente, nas escolas de ensino em saúde.

### ***Rap*, narrativas poéticas de expressão e sentido**

Ao abrigar a insaciável bem-aventurança bíblica de ter fome e sede de justiça, o preto carrega o desgaste e enterra ao longo dos dias sonhos, amigos e familiares. A expectativa frustrada de abolição suscita o crescimento do

movimento *hip hop* como denúncia e desabafo. Nas sociedades africanas tradicionais, *Bard* é um cantor-contador que narra a história da nação e transmite tradições culturais e costumes por meio da performance (KEYS, 2007). Logo, sob a influência da tradição oral do continente africano, o proeminente movimento cultural é evidenciado por meio das imigrações para os Estados Unidos e da diáspora africana resultante da divisão gerada pela escravatura. O movimento produz sua própria lógica interna, isto é, se antes o silenciamento abarcou a dor das chagas da incipiente liberdade ao indivíduo preto e afirmou, como e reafirmou sua solidão, agora, em coletivo, o grito da massa periférica reivindica o direito de ser humano, no qual ritmo, poesia e dança consagraram o *rap* como estilo musical.

Especificamente, no Brasil a expressão do *hip hop* se traduz em determinada forma de organização política, social, como também cultural da juventude negra (ANDRADE, 1999). A prática cultural revela a perspectiva disruptiva do *rap* para além das melodias ou rimas. O *rap* é a resposta daqueles que não possuem voz diante do discurso discriminatório dominante, com o relato da marginalização e suas mazelas sociais.

Vivemos em uma sociedade que tem uma classe dominante, cujos interesses prevalecem. Se fôssemos relativizar os critérios culturais existentes no interior da sociedade acabaríamos por justificar as relações de dominação e o exercício tradicional do poder: eles também seriam relativos (SANTOS, 1996).

A expressão do *rap* é cura e esperança para o povo preto, visto que narra as experiências políticas e econômicas do cotidiano, um recurso cultural, de educação tradicional, que relembra a tradição oral griô, para compartilhar conhecimento. É um veículo de inserção em um universo de usos de linguagem e prática letrada, nutre a fome e a sede de justiça, da a expectativa material adoece diante da estrutura sociorracial nociva e da deprimente realidade. Sob a perspectiva dominante, o *rap* enquanto oralidade não tem o devido reconhecimento.

Para ser leitor, em um processo em que a palavra escrita é europeia e responde às teorias racistas vigentes, é preciso embranquecer. As leituras de negros e mestiços, marcadamente influenciadas pela tradição oral



desvalorizada, com seu corpo de descendência africana, não têm lugar, valor algum se comparadas aos valores da leitura e da escrita ensinados na escola ou fora dela (SILVA, 2012).

Em segundo plano, o desvalor como produção cultural periférica, sofre discriminação. A cruel realidade torna cada escrito sob lágrimas em apologia às drogas e à criminalidade e silencia o doloroso pedido de socorro favelado que ecoa nas canções em *rap*, quando justiça, reconhecimento e equidade são somente expectativas impossíveis para quem promove o silenciamento de seus gritos e a ocultação de suas dores.

Isso porque trauma cultural se enfrenta também no âmbito cultural e, diz respeito ao efeito provocado quando membros de uma comunidade específica sentem que foram submetidos a um evento terrível, com traços indelévels em sua consciência coletiva e marcado de forma permanente na memória a fim de transformar a sua identidade cultural, fundamental e irrevogavelmente (ALEXANDER, 2016).

Com a escravização da população negra e a incipiente abolição, o Brasil estruturou-se na negligência dos valores identitários e culturais pretos. O adoecimento pode encerrar perspectivas de futuro de forma que o negro fique algemado, acorrentado ao passado sofrido ou ao presente angustiante. “Para que o amanhã não seja só um ontem com um outro nome” (AMARELO, 2019), primeiro é preciso resgatar a ideia de haver amanhã e espiritualidade, para além do que a estrutura restringe e as instituições limitam.

A melodia do *rap* une sonho, eternidade, possibilidades e dores. Composto mais de 50,7% do total populacional do país (IBGE, 2011), o silenciamento da população preta e parda corresponde a uma problemática de saúde pública. Enquanto o racismo opera, o negro brasileiro é marginalizado e o não pertencimento adoce seu espírito, aniquilando sua porção de humanidade que vislumbraria a esperança. O desafio iniciado a partir do fato de que a árvore genealógica do negro brasileiro desconsidera a semente de sua ancestralidade e a bagagem histórica, assim como os frutos de sua herança recheada de valores seculares que por vezes são esquecidos e ocultados; logo, evidencia-se

evidencia o reconhecimento somente do enxerto da escravidão como origem única e ancestralidade.

O nascimento do *rap* como expressão cultural parte do movimento *hip-hop* que emerge inicialmente das comunidades negra e latina no Bronx em Nova York, durante os anos 1970, marginalizadas por sua música (MORGAN; BENNETT, 2011). O termo faz parte da sigla *rhythm and poetry* (TEPERMAN, 2015), ritmo e poesia em português. No Brasil, nos anos 1990, o *rap* começava a se imbricar nas pautas dos movimentos negros. Em São Paulo, os projetos Rappers e Feminí Rap do Instituto Geledés, com participação da ativista e escritora Sueli Carneiro, incentivavam a luta contra o racismo, a violência e a discriminação de gênero além de promover discussões sobre abandono parental por meio da capacitação para organização política e criativa de jovens artistas (HERSCHMANN, 2005). Já no Rio de Janeiro, um dos primeiros discos gravados com *rappers* locais foi o Tiro Inicial, lançado em 1993, que teve o apoio do Centro de Articulação das Populações Marginalizadas e foi responsável por lançar o então novato MV Bill (HERSCHMANN, 2005). Existe também a cultura do “repente” na região nordeste brasileira que é extensão das expressões artísticas negras e matriz oral (ANTONACCI, 2014) trazidas durante a viagem do Atlântico com os africanos escravizados, o que é apontado por Esiaba Irobi (2007) como a memória do corpo que, por sua vez, pode ser sítio de resistência através da performance.

De forma controversa, a linguagem do *rap* pode servir, também, como forma de reforçar estereótipos de masculinidade quando representam como inerente ao homem negro um comportamento de beligerância e hiperssexualização do corpo desse homem. (COLLINS, 2004). O *rap*, assim como qualquer outro gênero musical, pode ser um lugar no qual a misoginia é reproduzida. No entanto, bell hooks salienta em *We Real Cool* que a poesia e o lirismo contidos nas letras de *rap* possibilitam a elaboração também de masculinidades alternativas que podem ser expressas por meio da criatividade (HOOKS, 2004). O racismo preconiza a não vulnerabilidade sobre os sentimentos e as aflições da

população negra, fazendo com que haja uma desumanização. Todavia, o *rap* fornece escape da tentativa da noção de masculinidade na percepção patriarcal (HOOKS, 2004), assim como dos estereótipos de constante força incutidos sob o corpo negro pelo racismo.

Ao passo que o *funk* carioca emergido nos anos 1990 e início dos 2000 – elemento da cultura afro-brasileira, que mesclou a *soul music* estadunidense aos elementos da percussão do samba, ainda continua estigmatizado por ser “som de preto e favelado” é indubitavelmente a extensão da estética *hip-hop* (PEREIRA, 2010). O *funk melody* e o de denúncia se constituíram como uma experiência subjetiva de externalização das reivindicações de pessoas negras periféricas por condições que configuram o conceito de saúde ampliada tais como acesso à moradia digna, ao lazer e ao saneamento básico.

#### Rap da felicidade

Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer

Com tanta violência eu sinto medo de viver

Pois moro na favela e sou muito desrespeitado

A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado

(RAP..., 1995; CARVALHO, 2020).

Os jovens negros também estão mais susceptíveis à mortes violentas, sendo o homicídio realidade cruel e constante nos marcadores sociais e de adoecimento desse grupo (CERQUEIRA *et al.*, 2020), assim como o suicídio (BRASIL, 2018a) que pode ser considerado espelhamento do genocídio dessa população. Para Fanon (1959. p. 26), o sofrimento do colonizado advém de uma opressão, que tem como ponto de reencontro de múltiplas, diversas, repetidas e cumulativas violências, vivenciada tanto em corporeidades, pois para ele existe uma dimensão muscular da violência. Ou seja, o aspecto material da ferida colonial advinda do racismo é impresso sob o corpo e pode causar patologias. Cidinho e Doca, em *Rap da felicidade* (2007), lançam enfoque também sobre a questão da espiritualidade ao buscar paz e conforto, em um lugar onde, por vezes,

os moradores não possuem acesso ao cuidado em saúde mental, embora existam as unidades especializadas nesse cuidado como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPs), deixando um questionamento emblemático de como se fazer o cuidado em saúde mental quando não se tem condições básicas de sobrevivência.

Eu faço uma oração para uma santa protetora  
Mas sou interrompido à tiros de metralhadora  
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela  
O pobre é humilhado, esculachado na favela  
(RAP..., 2007; SOUZA, 2022)

Os determinantes em saúde (WERNECK, 2016) são elementos costurados a trama das referências musicais negras do *rap*, assim como o *funk*, uma vez que existe uma abordagem sociocultural em amplo espectro das iniquidades que provocam o progressivo adoecimento psíquico e físico dessa população. O *funk* carioca pertencente à cultura afro-brasileira teve implicações na elite branca também, uma vez que a realização dos bailes, sobretudo nas favelas da zona norte da cidade do Rio de Janeiro e Região Metropolitana (PIMENTEL, 2017), levaram automaticamente à associação desse ritmo ao narcotráfico pela mídia dominante, mesmo quando não havia apologia ao crime nas letras (HERSCHMANN, 2005).

A marca da oralidade preta no Brasil ocorre também no movimento de cordelistas da região Nordeste onde, a estética de rima em contar histórias remete à valorização da tradição griô africana. Os povos africanos sobreviveram ao tráfico Atlântico levando consigo as “escrituras performativas” (IROBI, 2007), herança ontológica de povos africanos que é pautada no espírito que habita um corpo físico, cultivando memórias, hábitos incorporados e transmitindo-os de geração em geração. A lembrança no corpo preto pode vir de múltiplas formas, sendo ela performática com elementos de dramatização, ou ainda em literatura como no caso da poesia urbana do *rap*.

Por outro lado, a teatralização de nossas dores, como em *Noir Blue* (2018), no qual em dança Ana Pi conduz o público a sentir o pertencimento

e a ancestralidade, por meio da dramatização, permitindo também, refletir sobre o esfacelamento de humanidade que a escravização causou e seus deslocamentos em dor nas vivências negras ainda hoje. O curta-metragem remete à forma africana de enxergar a sabedoria humana como capaz de fornecer as condições de enunciação sobre aquilo que somos e o lugar que ocupamos (BIDIMA, 2002). De forma similar, o *rap* ressalta que histórias de vidas negras merecem ser contadas em todas as suas instâncias, desde os traumas até as belezas.

Conforme sugere a música de Cidinho e Doca, as áreas mais pobres do espaço urbano não são destacadas em cartões postais do Rio de Janeiro, deixando, assim, apenas as áreas mais ricas com maior visibilidade, o que implica diretamente a qualidade de serviços em saúde que são ofertados nessas localidades. Em “*Fim de semana no parque*” dos Racionais MC’s, o conteúdo da poesia ritmada promove um debate profícuo sobre as desigualdades socioespaciais e raciais no espaço da cidade, bem como a falta de existência de serviços públicos essenciais e de equidade no acesso de pessoas negras a esses serviços. Além disso, o movimento hip-hop traz à tona a discussão de identidade e a memória do povo negro em contraponto com a marginalização causada pelo preconceito racial. Na tradição oral, o âmbito espiritual e matéria coincidem entre si de forma a gerar, em simbiose, uma espécie de caminho para a totalidade da pessoa e moldar o orgulho de suas raízes (JOSEPH, 2010).

Outra temática preponderante no *rap* é a espiritualidade usada como forma de escapismo da realidade sofrida por meio da busca de valorização da vida e da esperança em um lugar ideal de redenção. Nesse contexto, as religiões, sobretudo de matrizes africanas e evangélicas, demonstram-se presentes no cotidiano relatado nas histórias contadas pelas letras de *rap*. Nos álbuns “Sobrevivendo no inferno” e “Nada como um dia após o outro” dos Racionais MC’s, existem citações de versículos bíblicos e menções ao mundo evangélico como a presença da figura do pastor como um líder espiritual. As histórias longas e ritmadas remetem à violência urbana sofrida na favela, ou seja, sequência dos processos de expressão desde o primeiro álbum chamado “Holocausto

urbano” lançado em 1990. As rimas versam sobre violência e cortam o ar de forma veemente na intenção de expor a crueldade da exclusão social imposta pelo racismo. O constante perigo das drogas nos becos e vielas das favelas é trazido à tona também, como é possível observar em *Gênesis*, que cita o crack como ameaça à saúde pública no Brasil. A temática do uso de substâncias ilícitas deve ser uma preocupação de saúde pública e suas atribuições, porém a guerra às drogas, sobretudo no Rio de Janeiro, compactua ainda mais com a política de morte nas favelas, reforçando, assim, a necropolítica (MBEMBE, 2014).

Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor  
O homem me deu a favela, o crack, a trairagem  
As arma, as bebida...

Eu?

Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática, um sentimento de revolta e tô tentando sobreviver no inferno (GENESIS, 1997)

Ainda em “Sobrevivência no inferno”, existe marcante presença de sincretismo religioso, subdividida resumidamente em cântico de louvor, com referências bíblicas, e prece de proteção direcionada ao santo guerreiro. Primeiramente, a canção *Jorge da Capadócia*, uma regravação de uma canção homônima de Jorge Ben Jor (1975), inicia com saudação a Ogum e, imediatamente depois a introdução *Gênesis*, dá a entender que ambas as religiões coexistem na realidade afro-brasileira nas favelas. Em *Tô ouvindo alguém me chamar*, o “evangelho marginal” dos Racionais é evocado novamente ao pensar em um corpo que encerra em si a própria morte concomitantemente ao desejo de ressuscitar como Cristo, em meio ao holocausto urbano. Isso posto, é importante ressaltar que a intolerância religiosa é outra faceta do racismo, que leva a sociedade a condenar, assim como associar religiões de matriz africana, a algo negativo. Exemplo dessa intolerância religiosa, aconteceu com as rodas de samba na casa da tia Ciata, que ocorriam na região da pequena África do Rio de Janeiro.

Ogunhê!  
Jorge sentou praça na cavalaria  
E eu estou feliz porque eu também sou da sua companhia.  
Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge  
Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem  
[...] (JORGE..., 1975; 1997)

Atualmente, é marcante também a presença desse efeito construído pela presença das igrejas neopentecostais na música negra ou ainda similaridades melódicas ao canto do gospel nos refrões cantados do *rap*. Outro exemplo de referência ao mundo evangélico são as rimas do *rapper* carioca Abebe Bikila, conhecido como BK' que em *Julius* reflete sobre a ausência paterna na vida de um traficante de drogas, aliado à nostalgia trazida pela figura da mãe evangélica que ora pelo filho mesmo quando ele está com “armas nas mãos”, estabelecendo, assim, uma reflexão sobre a questão do trauma na infância e do sofrimento mental na intenção de humanizar a figura do criminoso, evocando, assim, a figura dos jovens meninos aliciados pelo narcotráfico como uma extensão do mecanismo racista do Estado que coopera para o genocídio do povo negro.

Mãe, peço que ore por mim  
Quando eu estiver com minhas armas nas mãos,  
Pai, peço que olhe por mim  
Quando eu estiver com minhas armas nas mãos, Pai  
Pai (JULIUS, 2018)

Estudos revelam que fatores estressantes como o abandono parental ou ainda o abuso sexual durante a infância podem causar gatilhos emocionais em adultos relacionados a sintomas de somatização, como, sintomas físicos de psicogenia (LAZZARO; ÁVILA, 2004). Isso foi demonstrado também após o genocídio de Ruanda quando os sobreviventes das violências desenvolveram sintomas psicossomáticos associados ao transtorno de estresse pós-traumático (MUNYANDAMUTSA *et al.*, 2012). De forma

análoga, a população negra da diáspora vive uma síndrome pós-traumática da escravização que mutila a autoestima, causando angústia e sentimento de esvaziamento existencial (DEGRUY, 2017).

A temática de abuso sexual perpassa fortemente as histórias de pessoas negras, sobretudo mulheres; exemplo disso, é a introdução do livro *A cor púrpura* (WALKER, 2009) que inicia com uma prece de uma menina abusada pelo pai, sendo recontada por música homônima do *rapper* Djonga. Nas rimas da letra, o autor traz a ideia de que “dói igual em todo mundo” expressando a semelhança na sensação de compartilhamento das mesmas dores e sofrimentos de ordem psíquico-espirituais na comunidade negra, além de evocar a busca em um ser superior alívio para a angústia espiritual profunda causada por uma violação sexual.

Querido Deus

Uma pessoa me tocou sem eu querer

E ainda me convenceu que eu gostava

Molhou com seu suor minha pele infantil

E secou minhas lágrimas sempre que eu chorava

É, numa tarde chuvosa tudo começou

Ó, um sorriso amarelo sempre que acabava (A COR..., 2022)

O imaginário do cristianismo apresenta a práxis da libertação (MBEMBE, 2014) ao distinguir os oprimidos diante dos opressores e a escravidão de um povo escolhido, além da cosmovisão bélica que cita a guerra contra o inimigo e batalhas espirituais constantes (CUNHA, 2008). Esses fatores podem servir como grande atrativo da linguagem dessa religião nas camadas da sociedade, onde a pobreza e a desigualdade estão presentes, fazendo com que o indivíduo que se enxerga como humilhado recupere o sentido de existência e amor-próprio. A brutalidade das formas cruéis de se morrer explicitadas nos índices alarmantes de mortes violentas como os homicídios, e os suicídios da população negra, pode ser a resposta para o apreço que a comunidade do *rap* tanto apresenta nas citações bíblicas sobre morte e ressurreição.



A conversa com a morte apresenta-se rotineiramente na vida da população negra, seja pelo medo de uma abordagem policial violenta, seja pelo esfacelamento da saúde mental que leva muitos vitimados pelo racismo estrutural ao suicídio. Isso é tão deletério que um estudo apresenta resultados desfavoráveis sobre o desencadeamento de uma saúde mental e autoestima ruins em pessoas negras expostas constantemente aos noticiários sobre execuções brutais da polícia contra pessoas negras (BOR *et al.*, 2018). Os indivíduos que compartilham a mesma identidade étnica com a vítima estão susceptíveis a terem essas notícias das mídias como gatilho e um importante fator de estresse causador de aflição, sobretudo quando o acontecimento é produto de injustiças históricas e sistêmicas presentes na sociedade (CURTIS *et al.*, 2021).

Para Achille Mbembe (2014), o discurso da ressurreição de Cristo – quando Deus encara que foi espoliado sofrendo inúmeras violências desfaz a própria morte, reafirmando, assim, a possibilidade infinita da vida – contribuiu para a aproximação dos negros estadunidenses ao protestantismo (MBEMBE, 2014). Para além da instituição eclesial, a espiritualidade proposta pelo cristianismo é recorrente nas temáticas de músicas de *rap*. Isso acontece, também, em razão da presença marcante das igrejas pentecostais nas comunidades mais pobres. Outro fator preponderante no *rap* é o sincretismo religioso que, de forma orgânica, se ergue como discurso contra dominação e a favor da liberdade religiosa na periferia, tal qual pode-se observar em “Sobrevivendo no inferno” (1997) e em “AMARElo” (2019). Em *Fórmula mágica da paz* (1994), Mano Brown traz à tona a presença da crença em orixás na periferia, e faz referência ao Deus do cristianismo agradecendo a sua vida, demonstrando assim a coexistência de ambas as crenças e sensibilidade religiosa/espiritual na favela. De forma semelhante, o *rapper* Emicida em 2019 evoca elementos parecidos no álbum “AmarElo” como, na faixa *Principia*, com introdução em canto pelas Pastoras do Rosário com linhas melódicas, que hora remetem a vocalização no candomblé, ora a rima traz referência ao partir do pão que constitui importante imagética do cristianismo na última ceia. O discurso de Êxodo fala sobre a libertação de um povo escravizado, lembrado no início do álbum “Nada com um

dia após o outro” dos Racionais MCs como rádio Exodus. Isso remete a teologia da libertação emergida da América Latina que atribui caráter de libertação aos povos antes oprimidos pelas desigualdades, sendo agora aplicado ao sofrimento espírito-racial do povo preto (PINN, c2003).

### **Considerações finais**

O ensaio feito a fim de compreender a importância de reconhecer a subjetividade da população negra na abordagem terapêutica, com base na espiritualidade atrelada à música constrói textos sobre percepções e intersecções entre o *rap* e a saúde. Como resultado, nota-se que, quanto à história, a população negra carrega o pesado fardo do racismo estrutural implícito nas violências que restringem sua participação ativa na sociedade. Com efeito, explicitamente o racismo materializa-se nas instituições e desafia a equidade em relação ao ambiente acadêmico, à saúde integral e ao bem-estar. Dessa maneira, o adoecimento mental está associado ao físico e ao espiritual, o que revela a necessidade de considerar o trauma cultural da herança escravocrata, infelizmente que persiste na atualidade. Pensar a vida ante a necropolítica é desafiador; contudo, na música experiências misturam-se à contextualização histórica e declara-se “quero ser ouvido”, “quero viver e não somente sobreviver”. Por meio da espiritualidade e escrevivência, nota-se que a arte integra a busca por sentido existencial, pertencimento e valor, promovendo esperança.

Em um ambiente hostil no qual o negro e sua narrativa são negligenciados ou desconsiderados, a escrita em *rap* é a denúncia antirracista necessária para criar perspectivas de futuro para além das cicatrizes, isto é, desde a formação em saúde até a atuação. Para os estudantes, é importante perceber o processo de escuta ativa como indispensável ao modelo biopsicossocial, promovendo o bem-estar e qualidade de vida, para além da sobrevivência da população negra diante do cotidiano sócio racial vigente. Isso porque para a atuação profissional é fundamental promover a aplicabilidade prática do conceito ampliado de saúde, visto que ele está previsto no SUS; contudo, quando escapa para a realidade enfrenta atravessamentos estigmatizados.

Logo, o *rap* permite o outro ouvir-se e ser ouvido, favorece vivências e resgates que permeiam crenças, valores, dores e sentidos. O *rap* é uma linguagem para o reconhecimento da dignidade humana à população negra para além da experiência acadêmica que encontra fim em si mesma; o ensaio abrange a necessidade de valorizar a produção cultural urbana e atender aos desafios da realidade fora dos *campi* universitários. Por isso, o *rap* é um letramento essencial antirracista no diálogo em saúde, uma vez que é um representante autêntico do pensamento étnico-racial no contexto da cidade, produzido por autores periféricos, que tem como atributo trazer reconhecimento identitário e exaltação da beleza do povo negro capaz de promover a sensação de pertencimento ao lugar para a comunidade negra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A COR púrpura. Intérprete: Djonga e Rapaz do Dread. Composição: Gustavo Pereira Marques e Thiago Simões Braga. In: O DONO do lugar. Intérprete: Djonga. Belo Horizonte: Aquadrilha, 2022. Spotify, faixa 9 (3 min).

ALEXANDER, J. C. Trauma cultural, moralidad y solidaridad: la construcción del Holocausto y otros asesinatos en masa. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. LXI, n. 228, p. 191–210, 2016.

ALMEIDA, S. L. **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALMIRANTE, K. A. de. CAPUTO, Stele Guedes. Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé. **Antropolítica**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 307-316, Stele Guedes. 2014.

ALVES, J. A. L. A Conferência de Durban contra o Racismo e a responsabilidade de todos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 45, n. 2, p. 198–223, dez. 2002.

AMARELO. Intérpretes: Emicida, Majur e Pablo Vittar. Composição: Antonio Carlos Belchior, Leandro Roque de Oliveira, Felipe Adorno Vassao e Eduardo Dos Santos Balbino. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Spotify, single (5 min).

- ANDRADE, E. N. **Rap e educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999.
- ANTONACCI, M. A. Corpos negros desafiando verdades. In: ANTONACCI, M. A. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2014.
- ASANTE, M. K. **Afrocentricity: the Theory of Social Change**. Gilbert: African American Images, 2003.
- BÂ, A. H. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Coord.) **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.
- BALINT, M. **O médico, seu paciente e a doença**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1988.
- BIDIMA, J.-G. Introduction. De la traversée: raconter des expériences, partager le sens. **Rue Descartes**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 7, 2002.
- BISPO, A. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília, DF: Universidade de Brasília UnB, 2015.
- BOR, J. *et al.* Police Killings and Their Spillover Effects on the Mental Health of Black Americans: a Population-Based, Quasi-Experimental Study. **The Lancet**, London, v. 392, n. 10144, p. 302-310, Jul. 2018.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 29 nov. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP n. 01/2004, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: CNE, 2004.
- BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. **Institui o Estatuto da Igualdade Racial**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. x, p. 1, 20 jul. 2010, PL 6264/2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018b.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS: Anexo I da**

Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018b.

CAMPOS, R. C. A.; OLIVEIRA, R. A. A percepção da saúde, espiritualidade, e religiosidade em enfermeiros de um hospital escola. **Revista de Ciências Médicas**, Campinas, v. 31, p. 110, jul. 2022.

CARDOSO, B. S. Nossa voz, nossa luta: a música como ferramenta de resistência e libertação para a comunidade LGBTQIA+. **Boletim Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, ano III, v. 7, n. 21, 2021.

CARNEIRO, A. G. Intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras: uma violência histórica. Civilização ou Barbárie: o futuro da humanidade. *In*: IX JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 9., 2019. São Luís. **Anais [...]** São Luís, UFMA, 2019.

CARVALHO, M. I. P. “Rap da Felicidade”: uma análise do afrocentrismo através do funk nacional. **Revista ALERE**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 13-24, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/4469>. Acesso em: 6 set. 2023.

CERQUEIRA, D. ; BUENO, S. (coord.). **Atlas da Violência 2020**. Brasília, DF: Ipea, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 6 set. 2023.

COLLINS, P. H. **Black Sexual Politics: African Americans, Gender and the New Racism**. New York: Routledge, 2004.

CUNHA, C. V. D. “Traficantes evangélicos”: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas. **Plural**, São Paulo, v. 15, p. 13, dez. 2008.

CURTIS, D. S. *et al.* Highly Public Anti-Black violence Is Associated with Poor Mental Health Days for Black Americans. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 118, n. 17, 27 apr. 2021. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.2019624118>. Acesso em: 6 set. 2023.

DEGRUY, J. **Post Traumatic Slave Syndrome: America’s Legacy of Enduring Injury and Healing**. Oregon: Uptone Press, 2017.

DIDOMÊNICO, L. S. S. *et al.* Espiritualidade no cuidado em saúde e enfermagem: revisão integrativa da literatura. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, [s. l.], v. 89, n. 27, 2019.

DIOP, C. A. **Nations nègres et culture**. Paris: Présence Africaine, 1954.

ESPORCATTE, R. *et al.* Espiritualidade: do conceito à anamnese espiritual e escalas para avaliação. **Revista da Socesp, São Paulo**, v. 30, n. 3, p. 306-314, out. 2020.

EUGÊNIO, R. W. **A bênção aos mais velhos: poder e senioridade nos Terreiros de candomblé**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

EVARISTO, C. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, F. **L'An V de la Révolution Algérienne**. Paris: François Maspero, 1959.

FERREIRA, J. A constituição de uma política de saúde para a população negra no sistema de saúde brasileiro. **Revista Contraponto**, [s. l.], v. 4, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/78911>. Acesso em: 7 fev. 2024.

FIM de semana no parque. Intérprete: Racionais MC's. *In*: RAIO X Brasil. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. Spotify, faixa 1 (8 min).

FÓRMULA mágica da paz. Intérprete: Racionais MC's. Composição: Mano Brown. *In*: RACIONAIS MC's. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Boogie Naípe, 1994. Spotify, faixa 1 (11 min).

GENESIS. Intérprete: Racionais MC's. Composição: Scott Alexander Brown. *In*: Sobrevivendo no inferno. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. Spotify, faixa 2 (21 s).

GUILHERME, C. *et al.* Para cuidar é preciso sentido: entrelaços da Espiritualidade, Enfermagem e Arte. *In*: VINHOLI JÚNIOR, A. J. *et al.* **Núcleo em Ensino, Cultura, Espiritualidade e Saúde: desafios, Interfaces & Perspectivas**. Rio de Janeiro: Autobiografia, 2022.

GUIMARAENS, A. **Melhores poemas de Alphonsus de Guimaraens**. 4. ed. São Paulo: Global, 2001.

GUIMARÃES, T. B.; MAGNI, C. Reflexões sobre a humanização do cuidado na presença de uma doença ameaçadora da vida. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, São Paulo, v. 28, n. 1, 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-32692020000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-32692020000100006). Acesso em: 6 set. 2023.

HAMILTON, C. V.; TURE, K. **Black Power: Politics of Liberation in America**. New York: Knopf Doubleday Publishing Group, 2011.

HAMPÂTÉ, A. A tradição viva, *In*: KI-ZERBO, Joseph. (ed.). **História Geral da África I: Metodologia e Pré-história da África**. 2. ed. Brasília, DF: Unesco, 2010.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hp-hop invadem a cena**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HOLOCAUSTO URBANO. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Boogie Naípe, 1990. Spotify (30 min).

HOOKS, b. **We Are Cool: Black Men and Masculinity**. New York; London: Routledge, 2004.

HOOKS, b. **Talking back : thinking feminist, thinking black**. New York: Routledge, 2015.

HOOKS, b. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: características da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

IROBI, E. What They Came With: Carnival and the Persistence of African Performance Aesthetics in the Diaspora. **Journal of Black Studies**, [s. l.], v. 37, n. 6, p. 896-913, 2007.

ISMÁLIA. Intérpretes: Emicida, Larissa Luz e Fernanda Montenegro. Composição: Vinicius Leonard Moreira, Renan Samam e Emicida. *In*: AMARELO. Intérprete: Emicida. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Spotify, faixa 8 (6 min).

JONES, C. P. Confronting Institutionalized Racism. **Phylon (1960-)**, [s. l.], v. 50, n. 1/2, p. 7, 2002.

JORGE da Capadócia. Intérprete: Jorge Ben Jor. Composição: Jorge Menezes e Jorge Lima Menezes. *In*: SOLTA o pavão. Intérprete: Jorge Ben Jor. Rio de Janeiro: Universal Music, 1975.

JORGE da Capadócia. Intérprete: Racionais MC's. Composição: Antonio Carlos Santos de Freitas e Jorge Lima Menezes. *In*: SOBREVIVENDO no inferno. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. Spotify, faixa 1 (3 min).

JOSEPH, K.-Z. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília, DF: Unesco, 2010.

JULIUS. Intérprete: BK'. *In*: GIGANTES. Intérprete: BK'. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2018. Spotify, faixa 5 (4 min).

KEYS, C. L. Rap, Music and Street Consciousness. **Research in African Literatures**, Indiana, v. 38, n. 3, 2007.

KIRINGE, J. W.; OKELLO, M. M. Use and Availability of Tree and Shrub Resources on Maasai Communal Rangelands Near Amboseli, Kenya. **African Journal of Range and Forage Science**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 37-45, 2005.

LANA, V.; MOREIRA, D. A. A Lei 10.639/2003 e o Ensino de História: reflexões a partir dos espaços de formação de professores. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.** Juiz de Fora, v. 18, n. 2, 2016.

LAZZARO, C. D. S.; ÁVILA, L. A. Somatização na prática médica. **Arq Ciênc Saúde**, São José do Rio Preto, v. 11, n. 2, 2004.

MBEMBE, A. **A crítica da razão negra**. Portugal: Antígona, 2014.

MORGAN, M.; BENNETT, D. Hip-Hop & the Global Imprint of a Black Cultural Form. **Daedalus**, [s. l.], v. 140, n. 2, p. 176-196, 2011.

MUNYANDAMUTSA, N. *et al.* Mental and Physical Health in Rwanda 14 Years After the Genocide. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, v. 47, n. 11, p. 1753-1761, Nov. 2012.

MUSGRAVE, C. F.; ALLEN, C. E.; ALLEN, G. J. Spirituality and Health for Women of Color. **American Journal of Public Health**, v. 92, n. 4, p. 557-560, apr. 2002.

NADA COMO UM DIA APÓS O OUTRO. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Boogie Naípe, 2002. Spotify (110 min).

NASCIMENTO, W. F. O fenômeno do racismo religioso: desafios para os povos tradicionais de matrizes africanas. **Revista Eixo**, [s. l.], v. 6, n. 2, 2017.

NOIRBLUE – les déplacements d'une danse . [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (27 min). Disponível em: <https://anazpi.com/noirblue-doc/>. Acesso em: 6 set. 2023.

OYEWUMI, O. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PEREIRA, C. S. T. **Cultura ou polícia: a cobertura jornalística do Funk Carioca em Porto Alegre**. 2010. Trabalho de Conclusão (Graduação em Curso de Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.



PIMENTEL, A. Música, juventude e território: a construção da identidade coletiva em uma favela do Rio de Janeiro. **Contexto**, [s. l.], n. 31, 2017.

PHARMACOGENETICS and existing therapies. **WHO Drug Information**, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 84-91, 2003.

PINN, A. B. **Noise and Spirit: the Religious and Spiritual Sensibilities of Rap Music**. New York: NYU Press, c2003.

PRINCIPIA. Intérpretes: Emicida, Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário. Composição: Emicida e Nave. *In*: AMARELO. Intérprete: Emicida. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Spotify, faixa 1 (6 min).

PUCHALSKI, C. M. *et al.* Improving the Spiritual Dimension of Whole Person Care: Reaching National and International Consensus. **Journal of Palliative Medicine**, [s. l.] v. 17, n. 6, p. 642-656, Jun. 2014.

RACHEL, D. P. **Escrever é uma maneira de sangrar: estilhaços, sombras, fardos e espasmos autoetnográficos de uma professora performer**. 2019. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2019.

RAMEZANI, M. *et al.* Spiritual Care in Nursing: a Concept Analysis. **International Nursing Review**, [s. l.], v. 61, n. 2, p. 211-219, Jun. 2014.

RAP da felicidade. Intérprete: Cidinho e Doca. Composição: Julio Cesar Seia Ferreira e Katia Sileia Ribeiro de Oliveira. *In*: EU SÓ quero ser feliz. Intérprete: Cidinho e Doca. Rio de Janeiro: D.D.S. Records, 1995. Spotify, faixa 11 (4 min).

RUFINO, L.; MIRANDA, M. S. Racismo religioso: política, terrorismo e trauma colonial. Outras leituras sobre o problema. **Problemata**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 229-242, nov. 2019.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SILVA, A. F. Chimamanda: a voz do feminismo critica o racismo e defende homens feministas. **Marie Claire**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2019/07/chimamanda-voz-do-feminismo-critica-o-racismo-e-defende-homens-feministas.html>. Acesso em: 6 set. 2023.

SILVA, M. Resenha: Letramento da reexistência. **Revista Confluências Culturais**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 123-125, 2012.

SILVA, R. P. **Trauma Cultural e sofrimental social: do banzo às consequências psíquicas do racismo para o negro.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: UnB, 2017. Brasília: 2017. Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488493521\\_ARQUIVO\\_Traumassocialesofreimentocultural.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488493521_ARQUIVO_Traumassocialesofreimentocultural.pdf). Acesso em: 6 set. 2023.

SOBREVIVENDO AO INFERNO. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonografia, 1997. Spotify (73 min).

SOUZA, C. D. **Análise sob a perspectiva da criminologia cultural acerca da criminalização do funk:** uma limitação da liberdade de expressão das classes periféricas, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

SUJEITO de sorte. Intérprete: Belchior. Compositor: Belchior. In: ALUCINAÇÃO. Intérprete: Belchior. Rio de Janeiro: PolyGram, 1976. 1 disco vinil, lado A, faixa 4 (4 min).

TEIXEIRA, R. A. **A musicoterapia online em grupo e a saúde mental de jovens universitários no contexto pandêmico.** 2022. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

TEPERMAN, R. **Se liga no som:** as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

TODOROV, T. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo: WMF, 1993.

TÔ ouvindo alguém me chamar. Intérprete: Racionais MC's. Composição: Mano Brown. In: Sobrevivendo no inferno. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997.

TRINDADE JÚNIOR, E. E.; FRANÇA, M. P. Permita que eu fale: trajetória, desafios e reflexões de uma educadora travesti. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 9, n. 11, p. 326-339, 2022.

WALKER, A. **A cor púrpura.** Rio de Janeiro: José Olimpio, 2009.

WEATHERS, E.; MCCARTHY, G.; COFFEY, A. Concept Analysis of Spirituality: An Evolutionary Approach: Spirituality Concept Analysis. **Nursing Forum**, [s. l.], v. 51, n. 2, p. 79-96, apr. 2016.

WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 535-549, Jul. 2016.